

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, retirado da obra de Italo Calvino, **Por que ler os clássicos?** (CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 9-13.)

TEXTO I

Por que ler os clássicos?

1 “Começemos com algumas propostas de definição.

(1) *Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”*.”

5 Isso acontece pelo menos com aquelas pessoas que se consideram “grandes leitores”; não vale para a juventude, idade em que o encontro com o mundo e com os clássicos como parte do mundo vale exatamente enquanto primeiro encontro.

O prefixo reiterativo antes do verbo *ler* pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso. Para tranquilizá-los, bastará observar que, por maiores que possam ser as leituras “de formação” de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu. Quem leu tudo de Heródoto e de Tucídides levante a mão. E de Saint-Simon? E do cardeal de Retz? E também os grandes ciclos romanesco do Oitocentos são mais citados do que lidos. Na França, se começa a ler Balzac na escola, e pelo número de edições em circulação, se diria que continuam a lê-lo mesmo depois. Mas na Itália, se fosse feita uma pesquisa, temo que Balzac apareceria nos últimos lugares. Os apaixonados por Dickens na Itália constituem uma restrita elite de pessoas que, quando se encontram, logo começam a falar de episódios e personagens como se fossem amigos comuns. Faz alguns anos, Michel Butor, lecionando nos Estados Unidos, cansado de ouvir perguntas sobre Emile Zola, que jamais lera, decidiu ler todo o ciclo dos Rougon-Macquart. Descobriu que era totalmente diverso do que pensava: uma fabulosa genealogia mitológica e cosmogônica, que descreveu num belíssimo ensaio. Isso confirma que ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude. A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais. Podemos tentar então esta outra fórmula de definição:

(2) *Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.*

30 De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. A definição que dela podemos dar então será:

40 (3) *Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.*

45 Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo *ler* ou o verbo *reler* não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer:

(4) *Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.*

(5) *Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.*

50 A definição 4 pode ser considerada corolário desta:

(6) *Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.*

Ao passo que a definição 5 remete para uma formulação mais explicativa, como:

55 (7) *Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).*

Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos. (...)

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele. Podemos concluir que:

(8) *Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe.*

70 O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissesse primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. De tudo isso poderíamos derivar uma definição do tipo:

75 (9) *Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.*

Naturalmente isso ocorre quando um clássico “funciona” como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. Se a centelha não se dá, nada feito: os clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. (...)

01. O gênero do texto lido é:
- relatório, por descrever, com detalhes, hábitos diferenciados de leitura.
 - resenha, por comentar obras de autores clássicos.
 - ensaio, por desenvolver uma discussão a respeito da definição de clássicos.
 - manual, por apresentar nove regras de abordagem dos livros clássicos.
 - resumo, por sintetizar as definições de clássico propostas em diferentes períodos históricos.
02. O autor apresenta diversos fatores que podem influenciar na leitura de uma obra. Qual, dentre os citados abaixo, **NÃO** interfere no ato da leitura, **de acordo com o texto**?
- As experiências vividas
 - Os costumes e hábitos da comunidade
 - A faixa etária do leitor
 - A política de leitura das escolas e das universidades
 - A antigüidade da obra

Leia, com atenção, o fragmento abaixo, para responder às questões 03 e 04:

“ Isso confirma que ler pela primeira vez um grande livro na idade adulta é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude. A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se **(deveriam ser apreciados)** muitos detalhes, níveis e significados a mais.”
(linhas 21 a 26)

03. De acordo com o fragmento, qual, dentre as opções abaixo, apresenta a **melhor síntese** capaz de traduzir a relação entre **leitura e etapa cronológica de vida**?
- A leitura da juventude é sempre impessoal se comparada à do leitor adulto.
 - A idade é irrelevante quando se trata da leitura de obras clássicas.
 - A leitura dos clássicos na maturidade é um prazer muito maior do que na juventude.
 - Todo leitor adulto compreende o detalhamento do texto como uma regra a ser seguida na leitura.
 - O tipo de experiência que o leitor terá ao ler o clássico vincula-se à etapa cronológica de vida.
04. A respeito do uso dos parênteses em “(deveriam ser apreciados)”, pode-se afirmar que sinaliza a intenção de Calvino de:
- minimizar a certeza acerca da afirmação que precede os parênteses.
 - anular o caráter opinativo da afirmação que precede os parênteses.
 - negar a afirmação feita sobre a apreciação das obras na maturidade.
 - desviar a atenção do leitor para outros argumentos.
 - sugerir outras possibilidades de apreciação das obras na maturidade.

05. Sobre os traços definidores de uma obra clássica, propostos por Italo Calvino, é **INCORRETO** afirmar que:
- a obra clássica será aproveitada de maneiras diversas, dependendo do momento em que for lida.
 - um clássico é uma obra que atravessa as épocas sem sofrer ou provocar influências.
 - o clássico é uma obra aberta, sempre tendo mais coisas a dizer do que aquilo que já foi dito.
 - leitura e releitura são atividades parecidas, ao se tratar de um clássico.
 - a leitura de um clássico é sempre inédita, mesmo quando já o conhecemos de inúmeras referências.
06. A **principal** estratégia argumentativa do autor consiste em apresentar:
- um paralelo entre obras clássicas e obras comerciais.
 - os clássicos como apropriados apenas para leitores maduros.
 - definições divergentes sobre obras clássicas.
 - condutas adequadas para leitura dos clássicos nas escolas.
 - definições complementares para uma obra clássica.

07. No texto lido, Italo Calvino aponta para a **responsabilidade da escola e da universidade** no que diz respeito à leitura dos clássicos. Selecione, dentre as opções abaixo, aquela que **NÃO** é uma sugestão do autor:
- Recomendar a leitura dos clássicos, sem intermediários.
 - Instrumentalizar os alunos para que eles possam escolher os “seus” clássicos.
 - Fazer com que os alunos, durante o tempo escolar, conheçam os clássicos.
 - Valorizar a necessidade da leitura de textos críticos e interpretações sobre os clássicos.
 - Levar os alunos a lerem os clássicos, ainda que não se apaixonem por eles.

Leia novamente:

“(…) *Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo..’ e nunca ‘Estou lendo..’*. (…)
O prefixo reiterativo antes do verbo *ler* pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso.”
(linhas 2 a 8)

08. No fragmento acima, **segundo o autor**, a idéia de **reiteração** está relacionada à:
- repetição de um ato.
 - continuidade de um ato.
 - simulação de um ato.
 - organização de um ato.
 - exclusão de um ato.

Leia, com atenção, os enunciados seguintes, selecionados do texto de Calvino:

“(...) e também quando se ocultam nas dobras da memória, **mimetizando-se** como inconsciente coletivo ou individual.”

(linhas 41 e 42)

“A definição (4) pode ser considerada **corolário** desta: (...) ”

(linha 50)

09. Os termos destacados acima poderiam ser substituídos nos enunciados, **sem prejuízo de sentido**, respectivamente por:

- a) colorindo-se / conseqüência.
- b) adaptando-se / causa.
- c) imitando-se / causa.
- d) alternando-se / causa.
- e) camuflando-se / conseqüência.

Leia novamente algumas das definições de “clássicos” propostas por Italo Calvino:

(I) “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta **como a primeira**.” (definição 4)

(linha 48)

(II) “Os clássicos são livros que, **quanto mais** pensamos conhecer por ouvir dizer, (...) **mais** se revelam novos, inesperados, inéditos.” (definição 9)

(linha 75)

(III) “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado, **mas** constituem uma riqueza não menor para quem se reserva ...” (definição 2)

(linha 27)

10. Que opção abaixo indica, **CORRETAMENTE**, as **operações argumentativas estabelecidas pelos termos negritados**, para cada uma das definições de clássico (I, II e III)?

- a) (I) contraste; (II) oposição; (III) proporção
- b) (I) condição; (II) proporção; (III) explicação
- c) (I) comparação; (II) proporção; (III) contraste
- d) (I) condição; (II) comparação; (III) contraste
- e) (I) comparação; (II) proporção; (III) explicação

Releia:

“Os apaixonados por Dickens na Itália constituem uma restrita elite de pessoas que, **quando se encontram**, logo começam a falar de episódios e personagens como se fossem amigos comuns”

(linhas 15 a 17)

11. A **melhor** paráfrase semântica para a informação relativa a **tempo**, no segmento destacado, é:

- a) sempre que se encontram.
- b) caso se encontrem.
- c) depois que se encontram.
- d) à medida que se encontram.
- e) antes mesmo de se encontrarem.

Leia novamente:

“O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que **ele o** dissera primeiro (...)”

(linhas 69 a 71)

12. As formas destacadas **ele** e **o** referem-se, **respectivamente**, a:

- a) o clássico; o leitor.
- b) o livro; algo que não sabíamos.
- c) o clássico; algo que sempre soubéramos.
- d) algo; algo que sempre soubéramos.
- e) o clássico; algo que ele dissera primeiro.

Leia, com atenção, o texto abaixo (**Texto II**), resumo de uma dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, defendida em 2002.

TEXTO II

Educação e Literatura: a leitura dos clássicos brasileiros no ensino médio

Emílio Davi SAMPAIO

RESUMO

Este trabalho, dedicado a aprofundar a discussão sobre a leitura dos romances clássicos brasileiros por jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio, não teve senão o propósito de descrever, interpretar e analisar a situação sobre a realidade atual em que se encontra esta modalidade de leitura num contexto determinado. Resgatamos também um pouco da história da formação do leitor dentro de uma visão ampla de discussão. Seleccionamos, para efetivar essa investigação, duas escolas de Dourados (MS), uma da rede pública, a “Escola Presidente Vargas” e outra da rede privada, a “Escola Imaculada Conceição”. Partindo do pressuposto de que esta leitura é exigência do sistema de vestibular nacional e a disciplina “Literatura” consta da grade curricular do ensino médio, procuramos compreender a relação que se estabelece entre os estudantes pré-vestibulandos e a leitura dos clássicos brasileiros. Constatamos, então, que em vista do sistema engendrado e da sistematização de valores sociais impostos, há, de forma consubstanciada, certa valorização dessa modalidade de leitura. No geral, configura-se que não é uma leitura de prazer mas de valor, e este valor está presente no próprio conteúdo e refinamento literário dos textos dessa natureza.

(Resumo publicado no site www.ufscar.br)

13. Com base no texto lido, só **NÃO** é possível afirmar que:
- a) a pesquisa concentrou-se na investigação sobre a leitura de clássicos nacionais.
 - b) os leitores investigados estavam no período final do ensino médio.
 - c) o autor pesquisou os hábitos de leitura de estudantes de duas redes de ensino.
 - d) o autor tem uma visão normativa sobre os hábitos de leitura dos estudantes.
 - e) a investigação de Sampaio aborda também o processo de formação dos leitores.
14. De acordo com a pesquisa desenvolvida por Sampaio, **os principais fatores** que determinam a leitura dos clássicos nas escolas de ensino médio são:
- a) o fato de ser exigência do vestibular e vital para o aprimoramento cultural do leitor brasileiro.
 - b) as configurações do sistema curricular do ensino médio e suas relações com o ingresso no 3º grau.
 - c) a busca da formação da base patriótica do aluno e as imposições da grade curricular.
 - d) a necessidade de se estabelecerem valores sociais na escola e o processo de formação do leitor.
 - e) a valorização dessa modalidade de leitura e a ascensão social do leitor jovem.
15. Uma das características de textos do gênero **resumo de dissertação** é o emprego de estratégias discursivas que possam atenuar ou delimitar as afirmações do autor. Qual, dentre os fragmentos selecionados abaixo, **NÃO** apresenta tal **recurso discursivo** ?
- a) “(...) não teve senão o propósito de descrever, interpretar e analisar a situação (...)”
 - b) “Resgatamos também um pouco da história da formação do leitor (...)”
 - c) “(...) há, de uma forma consubstanciada, certa valorização dessa modalidade de leitura”
 - d) “Esse trabalho, dedicado a aprofundar a discussão sobre a leitura dos romances clássicos (...)”
 - e) “No geral, configura-se que não é uma leitura de prazer, mas de valor(...)”
16. A **principal** semelhança entre as conclusões a que Sampaio chegou (Texto II) e as idéias postas por Calvino (Texto I) está expressa na afirmativa:
- a) Leitores jovens não lêem os clássicos.
 - b) As escolas não se comprometem com a leitura dos clássicos.
 - c) A leitura dos clássicos não é necessariamente uma leitura de prazer.
 - d) A seleção de clássicos pela escola não segue nenhum critério.
 - e) Os alunos preferem outro tipo de leitura à leitura dos clássicos.

Leia, com atenção, os dois textos abaixo. O **Texto I** é a 4ª estrofe da *Lira 34*, de Tomás Antônio Gonzaga. O **Texto II** é a *Ode 357*, de Ricardo Reis. A leitura dos dois textos será a base de suas respostas às questões 17, 18, 19 e 20.

TEXTO I

“Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo que se passa
Também, Marília, morre”

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias e Cartas Chilenas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 63.)

TEXTO II

“QUÃO BREVE tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah!, Cloe, Cloe,
Se não amo, nem bebo
Nem sem querer não penso,
Pesa-me a lei inimplorável, dói-me
A hora invita, o tempo que não cessa,
E aos ouvidos me sobe
Dos juncos o ruído
Na oculta margem onde os lírios frios
Da ífera leiva crescem, e a corrente
Não sabe onde é o dia,
Sussurro gemenbundo.”

(PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Aguilar S.A, 1995, p. 277.)

17. Uma leitura comparativa entre os dois textos permite afirmar que, **em ambos**:

- a) há uma recusa em se tratar da inevitabilidade da morte.
- b) está retratada a instabilidade da natureza.
- c) há um compromisso exclusivo com os aspectos positivos da vida.
- d) está explícita a passagem ineroxável do tempo.
- e) há exemplos de maneiras ociosas para se passar o tempo com a amada.

18. No **Texto I**, as **referências à natureza** permitem reconhecer uma característica marcante:

- a) do bucolismo pastoril do Arcadismo.
- b) da visão romântica do mundo.
- c) do tratamento naturalista do amor.
- d) da concepção social da natureza.
- e) do humanismo idealizado do Renascimento.

19. No **Texto II**, a **recusa** do eu-poético em abandonar-se ao destino pode ser confirmada no verso:

- a) “A hora invita, o tempo que não cessa (...)”
- b) “Quão breve tempo é a mais longa vida (...)”
- c) “Nem sem querer não penso (...)”
- d) “Não sabe onde é o dia (...)”
- e) “Pesa-me a lei inimplorável (...)”

20. As interlocutoras femininas dos dois poemas (Marília e Cloe) representam:

- a) uma citação de figuras mitológicas.
- b) uma evocação das memórias dos poetas.
- c) uma formulação de diálogos com as esposas dos poetas.
- d) uma referência à religiosidade dos poetas.
- e) uma construção imaginária dos poetas.

Leia, com atenção, o fragmento abaixo, selecionado do Capítulo XXXIII do livro *Dom Casmurro*, intitulado “**Penteado**”. A leitura desse texto será a base para as suas respostas às questões 21, 22 e 23.

(...) “Vamos ver o grande cabeleireiro, disse-me rindo. Continuei a alisar os cabelos, com muito cuidado, e dividi-os em duas porções iguais, para compor as duas tranças.(...) Não pedi aos céus que eles fossem tão longos como os da Aurora, porque não conhecia ainda esta divindade que os velhos poetas me apresentaram depois; mas desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um número inominável de vezes. **Se isto vos parecer enfático, desgraçado leitor, é que nunca penteastes uma pequena, nunca pusestes as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa... Uma ninfa! Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando de seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Tétis; risquei Tétis, risquemos ninfa; digamos somente uma criatura amada, palavra que envolve todas as potências cristãs e pagãs. Enfim, acabei as duas tranças. (...)**”

(ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 293.)

21. A leitura do fragmento negrito acima permite afirmar que **o narrador**:

- a) constrói o seu texto de maneira objetiva.
- b) recusa-se a uma interlocução com o leitor.
- c) dedica-se a evocações de figuras santas.
- d) produz o seu texto de maneira linear.
- e) revela dificuldades para escrever sobre a amada.

Leia novamente:

“(...) na jovem cabeça de uma ninfa... Uma ninfa! Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando de seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Tétis; risquei Tétis, risquemos ninfa; digamos somente uma criatura amada, palavra que envolve todas as potências cristãs e pagãs.”

22. A referência constante à **mitologia grega**, no fragmento acima, indica que o narrador:

- a) despreza a mitologia grega, já que ele retira, da descrição, os termos *Tétis* e *ninfa* a favor do uso de “*criatura amada*” apenas.
- b) não conhece a mitologia grega, já que apenas *ninfa* pode ser usado para se referir a figuras femininas.
- c) tem um respeito exagerado pela mitologia grega, a ponto de não encontrar outros termos para se referir à amada.
- d) recorre também à mitologia grega para se referir ao seu estado de apaixonado.
- e) está otimista, já que ele pretende criar um ambiente de alegria para falar da amada.

23. O narrador, em *Dom Casmurro*, utiliza-se das expressões “**ninfa**” e “**olhos de ressaca**” na descrição de Capitu. A partir disso, pode-se afirmar que Machado de Assis, **ao descrever sua personagem**:

- a) retrata detalhes com realismo.
- b) traça um desenho naturalista.
- c) destaca, nos personagens, aspectos góticos.
- d) recorre a imagens fantásticas.
- e) sugere traços através do uso de metáforas.

24. Os tópicos abaixo estão associados aos principais personagens da obra *Dom Casmurro*. Leia-os e, em seguida, **combine-os nas duas colunas, relacionando o personagem com a sua melhor referência**.

I.	Bento	()	“aflição de viúva”
II.	Capitu	()	“amava os superlativos”
III.	Escobar	()	“olhos de cigana oblíqua e dissimulada”
IV.	Sancha	()	“o nadador da manhã”
V.	José Dias	()	“bacharel em Direito”

A **seqüência correta** da combinação é:

- a) II, I, IV, V, III.
- b) IV, V, II, III, I.
- c) IV, III, II, I, V.
- d) II, V, IV, V, I.
- e) III, V, II, III, I.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

